

NOTAS SOBRE A POSIÇÃO DO CORPO NO II EXCURSO DA DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO, DE HORKHEIMER E ADORNO

ROGER HANSEN

Max Horkheimer
(1895-1973)



Theodor Adorno
(1903-1969)



RESUMO: No presente trabalho propomos pensar a questão do corpo no *Excurso II* de *Dialética do Esclarecimento* – livro chave de Max Horkheimer e Theodor Adorno, da Escola de Frankfurt – intitulado *Juliette ou Esclarecimento e Moral*. Nesse sentido, dirigimos nossa atenção essencialmente para as considerações que Horkheimer e Adorno fazem do pensamento nietzscheano e dos personagens instigantes trazidos da obra do Marquês de Sade. Estes, somados a Kant, representam a triangulação tecida pelos frankfurtianos nesse excurso. À luz do que apontam esses pensadores, podemos ler o cenário do Esclarecimento como produtor incessante de sofrimento, cujo protagonista é sempre o corpo, suas pulsões, desejos e paixões.

PALAVRAS-CHAVE: Horkheimer e Adorno; Dialética do Esclarecimento; Corpo e sofrimento.

ABSTRACT: In this paper we propose to think about the body in the second excursus of *Dialectic of Enlightenment*, the main book written by Max Horkheimer and Theodor Adorno. In this sense we pay attention on their considerations on Nietzsche and on the characters of Marquis of Sade. Both and Kant arte the triangle constructed by Horkheimer and Adorno in the second excursus. On the light of what is pointed out by those thinkers, we can read Enlightenment as a producer of pain, whose protagonist is always the body, its impulse, desires and passions.

KEYWORDS: Horkheimer and Adorno; Dialectic of Enlightenment; Body and pain.



1. INTRODUÇÃO

Foi escavando as raízes da razão ocidental e fazendo uma anatomia do contemporâneo que Max Horkheimer e Theodor Adorno mostraram as sombras que desde tempos remotos acompanham o pensamento esclarecedor. Nesse contexto surge *Dialética do esclarecimento (Dialektik der Aufklärung)*¹, sua mais marcante obra. Logo no prefácio do livro, Horkheimer e Adorno apontam a magnitude e a ousadia de seu objetivo: “O que nos propuséramos era, de fato, nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie” (DE, p. 11).

Para levar adiante este projeto, os autores encontram no corpo uma categoria fundamental que permite a leitura de grandes questões que perpassam todo o livro. Nesse sentido, quando procuramos situar a posição do corpo na obra desses frankfurtianos, o Excurso I, “Ulisses ou mito e esclarecimento” e o texto “Interesse pelo corpo”, localizado nas *Notas e Esboços*², são, por uma certa obviedade, os primeiros a serem lembrados.

No primeiro excurso, Horkheimer e Adorno procuram expor o percurso imemorial do esclarecimento interpretando a *Odisséia*, de Homero. Para eles há aí uma “proto-história da subjetividade”, onde então Ulisses, o personagem homérico, é tomado como o protótipo do sujeito esclarecido. Em sua árdua e longa viagem de retorno de Tróia a Ítaca, Ulisses precisa enfrentar inúmeros desafios que lhe são impostos pelo destino. Em cada um deles surge a necessidade do auto-refreio, da contenção somática, do abdicar da gratificação pulsional plena. Portanto, o que faz o herói de Ítaca em sua saga é empreender aquilo que se coloca como pressuposto para toda a “racionalidade

civilizatória”: nega a própria natureza, o corpo, como pressuposto do autodomínio e da dominação da natureza extra-humana, sem os quais o sujeito não se formaria (DE, p. 57).

O que fazem os frankfurtianos é explicitar a dialética envolvida nesse processo, lembrando incessantemente o quanto foi alto seu preço: “A história da civilização é a história da introversão do sacrifício. Ou por outra, a história da renúncia. Quem pratica a renúncia dá mais de sua vida do que lhe é restituído, mais do que a vida que ele defende” (DE, p. 61). É esse débito da sociedade frente à natureza, portanto, o dilema que acompanha o humano desde os tempos primevos, causador do grande “mal-estar na civilização” (cf. FREUD, 1997).

No texto “Interesse pelo corpo” algumas destas questões ganham radicalidade. Horkheimer e Adorno falam então de uma história subterrânea do corpo, “[...] que consiste no destino dos instintos e paixões humanas recalcados e desfigurados pela civilização” (DE, p. 215-216). A condenação do corpo como reduto absoluto do mal em oposição ao espírito, tomado como supra-sumo do bem, foi – lembram Horkheimer e Adorno – condição primordial para as grandes criações culturais da Europa. Nesse sentido, os frankfurtianos argumentam que o corpo foi não só “[...] escarnecido e repellido como algo inferior e escravizado, mas também amado, desejado. Todavia, quando exaltado, o foi sempre como coisa, objeto sem vida, como algo ‘proibido’, ‘reificado’, ‘alienado’ (DE, p. 217).”

Tratar dessas e de outras questões que surgem nos textos acima mencionados sugere uma fecundidade longe de se esgotar. No entanto, o que propomos aqui é pensar a posição do corpo no II Excurso de *Dialética do Esclarecimento*, intitulado “Juliette ou esclarecimento e moral”. Para tanto, fazemos, em primeiro lugar, um rápido esquema da

estrutura e conteúdo deste texto. Na seqüência, e já como uma consideração final a essa rápida reflexão, tentamos justificar nossa escolha que à primeira vista pode parecer inusitada.

2. SOBRE O II EXCURSO

O *II Excurso* é um adendo ao primeiro capítulo do livro, intitulado “Conceito de esclarecimento”, no qual Horkheimer e Adorno procuram traçar uma espécie de anatomia do projeto e do conceito de esclarecimento. Vale lembrar aqui, que a própria estruturação do livro diz algo a respeito do objeto sobre o qual se debruça. O *I Excurso*, para tratar do entrelaçamento entre mito e esclarecimento, parte – de um modo tanto irônico como lógico – propriamente de um mito, *A Odisséia*, de Homero. Do mesmo modo, o *II Excurso* se ocupa ainda do conceito de esclarecimento, mas desta vez a partir da questão da moral, quando então Kant e Nietzsche são colocados frente a frente. A leitura da obra do Marquês de Sade – aquele que foi para os frankfurtianos o verdadeiro realizador do esclarecimento através de seus personagens – traz novamente, por sua vez, a seriedade de um trabalho que se une à ironia; para tratar da moral, Horkheimer e Adorno se valem de uma obra que, aos nossos olhos, talvez seja “imoral”. Para pensar a ciência, buscam o caminho da arte, a literatura.

Neste trabalho, pretendemos abordar o *II Excurso* tomando como ponto de saída as questões que se referem ao corpo, sobretudo a partir das considerações que Horkheimer e Adorno fazem do pensamento nietzscheano e dos personagens instigantes trazidos da obra de Marquês de Sade.³



© Roberto Linger

3. SOBRE JULIETTE OU DO SUJEITO SEM ILUSÕES

Perpassa toda a *Dialética do Esclarecimento* a idéia de que o medo supersticioso da natureza impulsionou o homem a subjugar-la. Para tal, foi preciso que a tomasse como matéria morta e, assim, valendo-se da racionalidade, procurasse desnudar “todas as figuras e entidades objetivas” que desejou conhecer (DE, p. 88). Esse domínio, é preciso lembrar, também deve se dar no próprio indivíduo, já que o senhorio da natureza externa pressupõe o controle daquilo que de natural há no “interior” do próprio homem: o corpo, suas paixões, desejos, pulsões (VAZ, 1999). Entretanto, a objetivação/objetificação do corpo, decorrente deste processo, levou ao descortinamento de grande parte do legado que a cultura e a tradição esforçaram-se por consolidar, na medida em que, inquirido pela razão esclarecedora, nenhum “objeto” é capaz de resistir, passando as coisas a ser vistas como “disfarces de um material caótico”, como fazem perceber Horkheimer e Adorno (1985, p. 88).



Marquês de Sade
(1740-1814)

São nas narrativas tomadas emprestadas de Sade por Horkheimer e Adorno – e na exposição das reflexões destes últimos a partir daquelas – que encontramos possibilidades iniciais para analisar expressões de fenômenos que surgem no momento em que esses autores produziram

suas obras, mas, que se radicalizam em nossos tempos. As conseqüências do processo imemorial de esclarecimento são tratadas a partir de enfoques distintos no *II Excursus*. Destacamos, neste momento, aquelas que se referem ao amor e as suas múltiplas faces, a exemplo do amor romântico, quando o corpo assume um papel lapidar. Nesse sentido, as palavras de Noirceuil – personagem de Sade citado por – são precisas:

De novo, parece-me – decreta Noirceuil como bom racionalista – que é uma coisa muito diferente amar e gozar... Pois os sentimentos de ternura correspondem às relações de humor e de conveniências, mas não se devem de modo algum à beleza de um colo ou ao bonito torneado dos quadris; e esses objetos que, segundo o gosto de cada um, podem excitar vivamente as afecções físicas, não têm, porém, parece-me, o mesmo direito às afecções morais (DE, p. 103).



Na seqüência, o personagem contextualiza seu argumento citando duas mulheres com quem se relaciona: Araminthe é aquela que ardentemente desperta seus desejos e nada mais para além disso. É a mulher para o gozo. Bélize não possui qualquer atrativo físico, “é feia”, “sua pessoa não tem a menor graça”, diz Noirceuil, mas ela tem um espírito admirável. É a mulher para o amor.

Essa divisão cartesiana do homem “na substância pensante e na substância extensa”, que leva à distinção clara e precisa entre amor e gozo, é analisada por Horkheimer e Adorno como o empreendimento responsável pela destruição do amor romântico. “Este é considerado como disfarce, como racionalização do instinto físico”(DE, p. 103).

É intrigante perceber aqui a impossibilidade do amor romântico se sustentar nos critérios de “verdade” estabelecidos pelo pensamento esclarecedor.

Como tantas outras coisas, ele não resiste; sob critérios racionais não passaria, portanto, de uma ilusão. Todavia, seu apagamento, sua destruição mediante a análise inexorável da razão formalizada, parece levar a uma gama de conseqüências cuja importância não pode ser ignorada. É isso o que Horkheimer e Adorno não permitem esquecer: “O que é verdadeiro nisso tudo é o discernimento da dissociação do amor, obra do progresso. Através dessa dissociação, que mecaniza o prazer e distorce o anseio em trapaça, o amor é atacado em seu núcleo”(DE, p. 104). E assim seguem: “No amor, o gozo estava associado à divinização da pessoa que o concedia, ele era a paixão propriamente humana. Mas acaba por ser revogado como um juízo de valor condicionado pelo sexo. Na sociedade atual o amor é faturado”(DE, p. 102).

Ao abordar estas questões, Horkheimer e Adorno certamente não demonstram querer levantar uma bandeira em prol do restabelecimento do amor romântico, e sim, como fazem com outros elementos da burguesia clássica, indicar que nas relações afetivas estabelecidas nesta esfera ainda continham, ao menos, resquícios de humanidade, de subjetividade, como o caráter espontâneo dos sentimentos e ações, contrariando a frieza glacial das relações contemporâneas guiadas por uma razão totalitária. Experiências estas, portanto, que nos fazem lembrar de uma consciência não coisificada, daí sua importância como expressão de argumento reflexivo dialético.

Aqui, articuladamente com esta, se inscreve também outra questão que merece ser analisada, mas que os limites desse trabalho nos impedem de fazê-lo: as dicotomias promovidas pelo *cogito* cartesiano, que assenta os alicerces do pensamento racional moderno, trazem consigo o pressuposto do desprezo pelo corpo como algo morto que – dentre momentos de louvores e desprezos ao longo da história ocidental – é

sempre tomado como substância manipulável, objeto a ser controlado, maximizado, potencializado, transformado em substrato útil. Com a reificação do corpo – e na medida em que a separação entre corpo e mente é real, ao considerarmos a constituição do pensamento ocidental, expressando “o cindido da condição humana, algo que surgiu pela força”, mas também ilusória, partindo-se do ponto de vista de que, na realidade, ela não é possível, visto que ambos mediam-se reciprocamente, argumento este caro aos frankfurtianos – as pessoas passam, então, a perceber a si mesmas e ao outro como *coisa*, *matéria morta* (DE, p. 102) .

Mas enquanto na realidade esse colosso inconsciente que é o capitalismo sem sujeito leva a cabo cegamente a destruição, o desvario do sujeito rebelde espera dessa destruição sua realização e assim irradia para os homens tratados como coisas ao mesmo tempo sua frieza glacial e o amor pervertido que, no mundo das coisas, tomou o lugar do amor espontâneo (DE, p. 187).

O sujeito esclarecido é, portanto, aquele que olha para os homens “como coisas, centros de comportamentos”. Para Horkheimer e Adorno, a famosa personagem de Sade, Juliette, é a representante máxima desse sujeito. “O credo de Juliette é a ciência. Ela abomina toda veneração cuja racionalidade não se possa demonstrar” (DE, p. 94). Ela ambiciona aquilo que é condenado sem provas científicas, e a exemplo disso, não encontra motivos racionais para não cometer um crime. Para Juliette, como todo indivíduo que faz bom uso do saber esclarecido, não há o que resista ao foco da racionalidade; “bons costumes”, “tradição”, “bem moral”, “agir ético”, tudo isso falácias.

Juliette é, portanto, aquela que se posiciona contra qualquer “ilusão”, como boa filha da razão, ela é “fria e refletida” (DE, p. 99); o que existe para ela, tão somente, é a

ordem objetiva e o olhar objetivador. E é justamente aí que se posicionam Horkheimer e Adorno, mostrando um “vitalismo” necessário inerente àquilo que Juliette, com seu olhar racional, capta como ilusório e, portanto, falso, enganador, digno de ser eliminado:

Quando Juliette faz do louvor da sexualidade genital e perversa uma crítica do não-natural, do imaterial, do ilusório, a libertina já passou ela própria para o lado dessa normalidade que deprecia não somente o arrebatamento utópico do amor, mas também o gozo físico, não somente a felicidade mais celestial, mas também a mais terrena. O devasso sem ilusões que Juliette defende transforma-se, graças à pedagogia sexual, à psicanálise e à terapêutica hormonal, no homem prático e aberto que estende à vida sexual sua fé no esporte e na higiene (DE, p. 104).



No amor romântico ainda havia, como indicam Horkheimer e Adorno, um corpo (*Leib*) no qual pulsava a vida, quando então era possível a união entre amor e gozo, entre amor e felicidade. Sob a análise da razão formal, do cálculo, não só a utopia amorosa é aniquilada – quando então o que se tem é um corpo morto (*Körper*) – mas o próprio gozo se torna inócuo. Se antes havia, ao menos, a possibilidade de êxtase diante do ser amado, com todas as conseqüências que podemos asseverar sobre isto, o que resta nos marcos da *ratio* é o contato medido⁴ e asséptico das relações contemporâneas. Mais do que compreender a lógica nefasta da destruição do amor romântico e suas conseqüências para as formações subjetivas, os argumentos dos frankfurtianos permitem pensar por meio dessas questões os horizontes do próprio esclarecimento. Nesse sentido, temos que “Para a *ratio*, o abandono à criatura adorada não passa de idolatria” (DE, p. 108). No entanto, se “O necessário desaparecimento

da divinização é uma conseqüência da proibição da mitologia” (idem), o próprio esclarecimento, na medida em que instrumentaliza as relações afetivas, levando a uma “naturalização” do amor e do sexo, acaba por se converter novamente em mito. Não se trata aqui de um saudosismo em relação à moral burguesa – e certamente o projeto da *Dialética do Esclarecimento* se coloca muito longe disso – mas o que fazem Horkheimer e Adorno é mostrar que a “destruição sacrílega” dos tabus relacionados ao sexo e ao corpo, de uma forma geral, bem como o descortinamento – ou o “desencantamento materialista” (DE, p. 109) – de véus como o amor romântico, a exogamia, o amor parental, não levaram a um “novo senso de realidade”. Se algum dia o que havia eram apenas ilusões, contemporaneamente o que restou foi algo que se aproximaria do vazio absoluto.

Não é ao acaso, portanto, que Horkheimer e Adorno invocam Nietzsche e Sade para mais bem pensar estas problemáticas. Muito daquilo que Nietzsche procura prevenir à razão iluminista é materializado nos personagens de Sade. Para o primeiro, é a partir da tentativa de apagamento do corpo que se extingue o “medo do homem”, o que nele há de vital. O fatalismo dos tempos modernos estaria aí localizado. Segundo Nietzsche, “[...] junto com o temor do homem, perdemos também o amor a ele, a reverência por ele, a esperança em torno dele, e mesmo a vontade de que exista ele. A visão do homem agora cansa – o que é hoje o niilismo, senão isto?...Estamos cansados do homem” (Nietzsche, 1998, p. 35).

O homem que cansa, do qual fala Nietzsche, é o “fraco” escondido atrás de uma capa falsamente intitulada como “razão”. É aquele que quer ascender dirigindo suas forças para a aniquilação da carne, para o apagamento de todo e qualquer vestígio de sangue, de paixão, de desejo, de ódio, enfim, para a extinção do corpo. Seguindo nessa

trilha, que para Nietzsche é patológica, é que se produziu sobre a Terra esse ser débil, esse amante da compaixão, do conformismo e da baixaza, esse “fraco” que cria um deus para em seu lugar tomar decisões e para aplacar a vergonha de sua própria fragilidade; eis o homem moderno, para Nietzsche, uma figura insossa.

Assim é, em certa medida, Juliette, a personagem de Sade. Nas suas relações pautadas em uma sexualidade pedagogizada, ela descortina o desejo, aplaca o impulso, e ao objetivar a relação sexual e os sentimentos que a compõe, livra-se tanto do aparato ilusório representado pela utopia romântica do amor, quanto das possibilidades de prazer aí contidas. A mesma análise cabe para o momento em que ela se vê convidada a cometer um sacrilégio. Declarando o ponto culminante de seu ateísmo, Juliette afirma que para si tal ato nada significa, no máximo uma ingênua diversão, tal qual a assassina americana citada por Horkheimer e Adorno.⁵ Nem o amor e nem o ódio a preenchem, e sim, unicamente a indiferença. Não é outro motor de suas ações, mas tão somente um autocongelamento diante de tudo: “Até mesmo a injustiça, o ódio, e a destruição tornam-se uma atividade maquinal depois que, devido à formalização da razão, todos os objetivos perderam, como uma miragem, o caráter de necessidade e objetividade” (DE, p. 100).

A dureza e a indiferença de Juliette ficam refletidas naquilo que os frankfurtianos denominam “feliz apatia”. Sua racionalidade leva a uma transvaloração que não transforma os obstáculos interpostos, mas os extingue. Os preceitos morais, os tabus do corpo e da sexualidade por ela engendrados, tudo isso se torna inócuo, insignificante. Não é por qualquer motivo, portanto, que Juliette afirma: “Estou a ponto (...) de desejar como Tibério que o gênero humano só tenha uma cabeça para ter o prazer de cortá-la com um só golpe” (DE, p. 106). Neste momento, as



asseverações nietzscheanas se vêm materializadas: Juliette está cansada do gênero humano, fatigada também de si mesma, pois o humano privado de sua “vitalidade” – representada sobretudo pela sua natureza não dominada, pelo corpo vivo (*Leib*), do qual falam Nietzsche e os frankfurtianos – não pode fazer surgir outro sentimento que não o desgosto, o enjôo, a apatia. Para Horkheimer e Adorno, o comportamento de Juliette é a própria representação da barbárie, que se manifesta diante do logro humano empreendido pelo seu afastamento da natureza, um afastamento de si mesmo. Ressurge, então, como ódio a tudo aquilo que lembra a natureza não dominada (ou àqueles que trazem resquícios de natureza não dominada), como embaraço diante daquilo (daquele) que é diferente, *não-familiar*.

4. À GUISA DE CONCLUSÃO

É nesse contexto que se inscreve a regressão do mundo racionalizado à mera naturalidade dos fatos; a mesma fraqueza encabeçada pelo cristianismo e posta abaixo pela razão agora é por ela retomada na forma de equalização de todos os instintos, das pulsões aplacadas, da assepsia do corpo. Eis o produto da razão moderna, justamente o inverso daquilo que ela se colocava como meta: “Assim a civilização nos traz de volta à natureza terrível como se este fosse seu último resultado” (DE, p. 107).

Como mostram Horkheimer e Adorno ao longo de todo o percurso da *Dialética do Esclarecimento*, e de modo peculiar no *II Excurso*, a natureza, subsumida à mera objetividade, é conhecida na medida em que pode ser classificada como matéria caótica, manipulada como substrato útil. Dela só é possível ao homem se aproximar sob a prerrogativa da posse. O “mero ter” tornou-se a voz ordenadora dessa relação cujo preço pulsa na consciência da civilização a cada nova faceta da barbárie que, além do desgosto, traz à tona a nostalgia da reconciliação com a natureza; sumariamente, uma saudade de algo que nunca se teve: “O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder” (DE, p. 24).

Essa leitura do projeto esclarecedor feita por Horkheimer e Adorno enuncia, portanto, a árdua luta travada pela humanidade ao longo da história contra o obscurantismo. A “morte de Deus” foi seu ponto culminante. No entanto, Nietzsche não foi menos profeta do que arauto ao precaver os “senhores das luzes” das nefastas conseqüências de que o poder da vida entregue nas mãos dos homens seria o responsável. Dessas sábias palavras os frankfurtianos foram não só bons ouvintes, como célebres corroboradores de sua concretização: “A liberação, porém, foi mais longe do que esperavam seus autores humanos”; “[...] o Deus derrubado ressurge em um ídolo mais duro” (DE, p. 88; p. 110).

T & M

Texto recebido em abril de 2005.

Aprovado para publicação em maio de 2005.

5. SOBRE O AUTOR

Roger Hansen é Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista do CNPq. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Sociedade Contemporânea (UFSC/CNPq) e Professor do Departamento de Metodologia de Ensino do Centro de Ciências da Educação (UFSC). O texto é produto parcial da pesquisa “Teoria Crítica, Racionalidades e Educação”, coordenada pelo Prof. Dr. Alexandre Fernandez Vaz e que conta com apoio do CNPq e da FAPESC.



Seated Nude - Gustav Klimt - 1916

6. NOTAS

1. Por ser o livro *Dialética do Esclarecimento* – e mais especificamente o seu II Excurso – o objeto principal deste texto, nas citações a obra será identificada pela sigla “DE”.
2. O livro é composto por três capítulos, dois excursos e, ao final, traz ainda uma série de reflexões sobre temas distintos intitulada “Notas e Esboços”.
3. Ressaltamos esta opção porque, na verdade, as questões que aqui levantamos estão articuladas a outras, também de grande relevância para a compreensão mais ampla de nosso objeto, a exemplo do diálogo com Kant. Todavia, dentro do espaço que aqui nos cabe, julgamos que isso não poderia ser realizado com a qualidade necessária.
4. Cabe aqui lembrar das relações afetivas da contemporaneidade. Além do “ficar”, termo que indica um envolvimento (sexual ou não) “sem compromissos” e efêmero, constata-se, espantosamente entre jovens supostamente “saudáveis”, o alto índice de consumo de substâncias que potencializam a atividade sexual.
5. Horkheimer e Adorno (DE, p. 100), a fim de problematizar o aparato subjetivo de Juliette, mencionam, no II Excurso, o caso de Annie Henry, uma assassina americana que, interrogada sobre o motivo de seus crimes, teria respondido: “*Just for fun*” (ou seja, só pelo prazer, só para se divertir).

7. REFERÊNCIAS

- FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- VAZ, A. F. “Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal”. *Cadernos CEDES*. Campinas - vol.19 - n. 48 – 1999 - p. 89-108.

